

Viagem a Andara oO livro invisível

Desnutrir a pedra

Vicente Franz Cecim



ó Ser neblina

I há um Eu no eu?

II oÓ: Desnutrir a pedra

III Isso, o Aquilo, o Sem Nome, O

há um Eu no eu?

Sim?

E através de ti Ele quer a transfiguração, a trans-figuração

é?

Quer transpassar as figuras das coisas brotadas no visível e des cobrir,
do Outro lado, suas raízes invisíveis

Pois Se há um Eu no eu, esse Eu tendo suas Raízes também onde? Lá:
sente necessidade de voar do seu eu mínimo e ir ao encontro desse
Máximo

Quem disse que existe?

A Viagem a Andara
dgy z cb cdmc dxn bx u

Assim, também, oO livro invisível podendo emanar os livros visíveis,
fez a trans-figuração inversa: e se transfigurou em visível

Com o que se equilibrando a aversão pelo Ente, uma versão adensada
de Ser que sendo uma outra versão adensada também de não-ser?

Nós somos os sonhos de Asas imersas na carne
Mas onde essas Asas imersas, as Imensas, serão encontradas?

A menos que das tuas omoplatas um dia nasçam asas?
Nelas um dia foram semeadas,

as Asas?

Ou és tu o semeador,
a quem cabe, se plantares, colher

Por isso, então, eis: oO livro invisível

Que Semeador e semeado, Ele e tu vamos começando
Ou desde sempre estamos neste campo para colher de mãos vazias,
desde o Início dos dias?

talvez até Antes

esse Eu

já colhia

sem eu?

oÓ: Desnutrir a pedra

o Silêncio

lervendo ouvisses: ora

a
Pai

X

ão
de
Bach

e em ti, qual Oração?

eu tinha um filho de névoa

eu tinha em mim um filho de névoa

E uma noite, para que adormecesse, lia em seu Ouvido o
Livro de Ezequiel

aquele Ezequiel dizendo essas Palavras que lhe houvesse dito

Ó:

e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um
coração de carne

aquele Ezequiel dizendo,

ouve, ó filho:

Veio sobre mim a mão de Ó, e me levou no Espírito do Ó, e me pôs no meio do vale que estava cheio de ossos

e me fez andar ao redor deles. E eis que eram muito numerosos sobre a face do vale, e eis que estavam sequíssimos.

Ó me perguntou: Filho do homem, poderão viver estes ossos? Respondi: Ó, tu o sabes.

Então Ó me disse: Profetiza sobre estes ossos, e diz a eles: Ossos secos, ouvi a Palavra de Ó.

Assim diz Ó a estes ossos: Eis que vou fazer entrar em vós o fôlego da vida, e vivereis.

E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vos estenderei pele, e porei em vós o fôlego da vida, e vivereis. Então sabereis que eu sou o Ó.

Profetizei, pois, como me deu ordem. Ora, enquanto eu profetizava, houve um ruído: e eis que se fez um rebuliço, e os ossos se achegaram, osso ao seu osso.

E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima, mas não havia neles fôlego.

Então Ó me disse: Profetiza ao fôlego da vida, profetiza, ó filho do homem, e dize ao fôlego da vida: Assim diz Ó: Vem dos quatro ventos, ó fôlego da vida, e sopra sobre estes mortos, para que vivam.

Profetizei, pois, como Ó me ordenara: então o fôlego da vida entrou neles e viveram, e se puseram em pé, e era um exército imenso

Ó Serneblina,

ó filho de névoas

já dormes, Ezequiel?

Pois esse era também o seu nome o daquele filho Tênuê que
em mim eu tinha

Mas vendo em seus olhos as Chamas, e ainda ardendo

queres que eu te conte então uma história?

Lhe perguntei.

Ó filho de nervos, queres?

eu te conte, eu te contasse

para que adormecesses, em mim

ainda mais uma história. De Andara, Sim

e de onde mais?

após a história

daquele outro Ezequiel, assim de ossos retornando a Ela: a
que se recusa ao pó

Mas uma história ainda mais sem história, ainda mais sem o
Amparo de uma história, eu contaria

queres?

Eu perguntei ao meu filho de névoas, se recusando às Brumas

Pois não adormecia, não adormecia

e de névoas ainda não iam se cobrindo os seus olhos pois as
Chamas,

neles, elas se recusavam às Cinzas

então vem mais a mim, eu lhe dizia

e repousa tua a fronte, a

tua aurora de Noites semeadas por mãos vazias no meu colo turvo,
a tua escassez de Musgos

Ó filho de neblina

Sabes?

Eu lhe dizendo:

terás primeiro que adormecer
para só depois despertarem em ti os sonhos: e quem sabe um
Sonho que pudéssemos sonhar juntos,
ó Ser na Neblina

se quisesses ouvir ainda mais uma história sem história de Andara

Ó filho turvo

ah, tão cansados de nos contarmos noites após noites histórias de
homens
sem asas

não estás cansado disso ainda? Ó Pai de Névoas

eu me perguntei

NãoSim?

Eu te contasse então,

mas o que? Ó filho ser ó Pai, em mim des sendo

Ah

ah

Uma história de pedra que andasse, e que em Andara fosse

Como aqueles Ossos foram, se foram: exército imenso

e tirei da vossa carne o coração de pedra

Lembras, filho,

o que disse aquele Outro Ezequiel e não adormeceste ainda?

Queres,

uma história de pedra após essa história de ossos? Ó filho Nada?

eu te contasse, eu te contaria

Em Andara, era uma vez uma Pedra

oh,

esses lábios que se entreabrem em nós contando histórias

Depois: já fôssemos somente os nossos Lábios de nos contar:
Um Corpo só lábios

e os nossos Ouvidos de nos ouvir
e os nossos Olhos de nos olhar? E onde?

Por onde andaremos quando já houveres dado o Passo sem volta,

e eu, já sem remédio para os teus ouvidos
houver iniciado a história não história

quisesse ela uma Lágrima de Amparo para humanizar suas Areias
Quisesse ela, essa Pedra

como aqueles Ossos, também ela,
um Caminho

para ir além do seu caminho

de pedra

oh, vês?

já comecei, Ó Serneblina, ó

Filho de Névoas

Já comecei mais uma história não história

que eu te conte logo

Enquanto ainda posso falar

e antes que aconteça comigo o que aconteceu àquele outro
Jeremias um aquele lembra que em suas Lamentações contou o que
um dia lhe fez

Ó:

Quebrou com pedrinhas de areias os meus dentes

Adormecido em mim, estás ouvindo? Já estás ouvindo

Abre os teus olhos de Espanto, oh

ser neblina, também tu
só Ser na Névoa de Ser
Ó Ser neblina de ser

e já estamos indo, na Neblina, já estamos indo Canta, ó filho

comigo, em teu Sono, canta:

Nós somos os Filhos da Neblina em Andara indo nós vamos indo para
não sermos mais nós

nós vamos

nós vamos, através da Neblina

Nós vamos

Cantemos assim, em coro de estar na Névoa, ó tu Filho Névoa, ó eu Pai
Neblina

Contigo na névoa eu vou, comigo na névoa tu vais, e nós indo vamos
Neblina neblina e Névoa

ó sermos: não-Ó: ser na Neblina: Ó Serneblina

pois como aquele agora tu, em Andara, seja esse o teu

Nome: ó

Serneblina

Ezequiel, se me escutas ainda ou já nos perdendo o Sono

ah, tão cansados

após noites e noites histórias de homens

e sem Asas

tão cansados

ah,

assim cansados

eu adormecesse antes de ti,
em ti,

tu, em mim
e nos contando
fôssemos então a Voz de um único Sonho nos contando isso

a Pedra falante

em nós, falasse

e Ouvimos: era uma vez

adormecendo

ouvimos

ó
dizer o
repetir Ó



oó

eu

eu vivia



eu vivia ali

eu vivia ali pensando



eu vivia ali pensando em d

eu vivia ali pensando em deus, quando de repente deus veio e me disse para desnudir a pedra.







Ah, o humano: um coração de pedra



eu desnutri a pedra
eu desnutri
E tive na mão a centelha de luz.

Depois vieram os Sóis, centenas deles, me fazendo recordar os mortos.

Tudo eram cinzas, não é mesmo?

Então, por que lamentar?

Nada havia para lamentar



Eu desnutri as pedras.

Uma a uma, indo pelos caminhos, ia desnutrindo uma a uma
as pedras, dia e noite
e

então

podia

compreender as Montanhas, as areias também.

Tudo depende.

Da solidão.



Dos pais que não se teve, nem já se terá



dos sonhos que se tem, de Pedra e Sono

Desnutrir as pedras bem

poderia ser
uma atividade
para me ocupar
pelo resto da
vida. Em vez
de ficar
olhando o dia
nascer,

todo dia o sol nasce todo dia

ou ficar testemunhando a morte de um dia se acabando ao
mesmo tempo nos olhos de alguém, uma pessoa, dessas que lançam um
olhar
de adeus tão sozinhas para nós no último momento,
às vezes bem
na hora do crepúsculo.

Quando tudo se
apaga. Ou tudo se acende. Isso é desnutrir a pedra, talvez.
Também

E
agora esse passo ainda
mais um a ser dado
E

para onde

e vindo aquela voz, a

o ir sem Ir



se deixou ficar em solidão serena
e em estado de imperturbabilidade,
sem se desviar com sua essência
para nenhum lugar nem girar
em torno de si mesmo,
mas em repouso absoluto
e convertido em repouso

ainda mais um passo

Para dentro daquela Pedra lá. Talvez

Então, pois nunca havia visto uma como aquela. Com todos os seus ruídos sua Música de Pó por dentro dela, que mal conseguia se manter inteira, pedra,

de maneira que se pudesse dizer sem a menor dúvida: é uma pedra.

Pois se via tanto os seus grãos, que não se podia confiar que fosse uma coisa só, pedra pedra. Poderia ser várias construções terríveis, humilhantes. Pirâmides por exemplo. Pudessem ser

Tudo era como se uma simulação de existência homogênea,
inteira,
pretendendo enganar como forma de coisa para sempre.
Mas falsa.
Como fosse falso este corpo que é eu, não para sempre, sei

Um caminhar de pedra: ah, o umanoh



não eram duas coisas,
mas o vidente era um só
com o visto

Desnutri também essa pedra, e segui adiante, cada vez mais e
menos
eu mesmo intacto,
pois pensava: se ela não tem pedra em si,
por que haveria de ter eu homem em mim
E assim, me suspeitando, caminhava

caminhava e caminhava e caminhava

todo dia o sol nasce todo dia



caminhava e caminhava: a pedra, em Andara

dia e noite desnutrindo pedras

pedra que andara

querendo a cada passo me por de pé, enfim por de pé em mim
um homem.

Mesmo que fosse como um lagarto



oh,

o Nutridor de Serpentes, em Andara
obscuro prodígio. Que avança através do Mal

ó filho névoa, adormecidos o teu sono de pedra
ouves? Quantas vozes em nós
se fosse tua a voz não mais a minha contando Mundo
escuro e por que outro nome esse Ser evocado assim de Trevas tão
espessas? Qual Nome que não se diz fosse o Seu nome

em Andara

oH, o Nutri
Dor, a
s Serpentes

ó Serneblina

E onde a aSa?

o umano: Pedra desnutrida

ah

mesmo que fosse como um lagarto, para só depois ser um homem. Para só depois

em nós quantos Grãos quantas vozes em nós

eu seguia

O importante,

Aquilo em mim pensava,

olhando as caudas, é que elas, as Serpentes, as outras pedras,
olham para mim
como se eu existisse. E me confirmam humano,
mesmo que coberto por esses panos Negros,
por essas rasgadas lonas de velas de naves submersas: e
ouvisse também as linfas em mim se associando em coro submerso
às ervas do Fundo: mÚsica aqUática, agora, e seguindo

À tona,

um vento forte às vezes vindo me soprar para mais longe dos
Caminhos

via a poeira de Ossos, lá

sumindo no Horizonte

e aquela voz que voltava



ele próprio era uma só coisa
sem ter em si diversidade alguma
nem para consigo mesmo
nem para com outras coisas,
porque nenhum movimento
havia nele

para mais longe do caminho por onde no momento eu trafegava
Um vento vindo

já me soprar,

e cardumes de guelras

para me desnutrir. E submergir também











e a voz que vindo diz:

chegará, sim,
em sua descida,
até o mal

também ouves, o filho pai em Sonhos?

É

antes que esta Noite sem manhã anoiteça

ouves





mas percorrendo
o caminho inverso





e se partindo
de si mesmo como imagem

regressa à Fonte de todas as imagens,

então alcançasse a meta
da sua peregrinação



o humano

o umano h

ah

a
Pedra
de
ser

o

umano

X

ó Filho Pai?
ouviste
a Pedra
de Ser em Sonhos?

ra o Silêncio

Por ela o

e em nós, qual Oração?

Ó Pai des sendo

O Sonho sido

Ó filho névoa

tu

se

agora vagas escuro no V
ale,

ou retornaste à Fonte?

E se na Fonte, não te perguntas mais

onde o meu V?

Tu

Que, se no Vale, vagando ainda entre outras Sombras te perguntas

onde o meu Pai onde o meu guia onde o meu V

ir

g

filio?



tu

ouves?

Toda feita de Ossos em Chamas

se erguer no Vale de Sonhos a voz sem Lábios, que vem

e diz:

Dos Sonhos breves das Sombras longas daqueles que antes
passam, se ainda a Voz, seus Grãos seu
Eco

não ficará
S
nem sombra

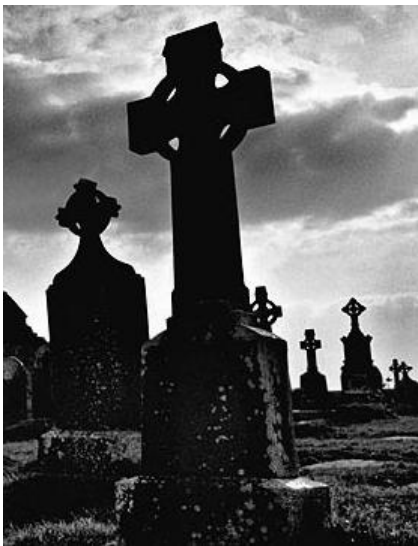
o Vale dos Sonhos, ah

agora o deserto

O:

vazio





nem sombra de Ossos nos dias passando nus, sem vestes de carnes

ó filho névoas, ó filhos névoa

ó

: tu :

que irás te perguntar, fechando as páginas de ossos dAquele que se recusa ao pó:

onde a

a

V

e

que voou para fora do Livro?

ó
dizer o
repetir Ó







dizer sem voz

ó,

o

o no

Ó

é antes que esta Noite sem manhã em nós anoiteça

Fim de oÓ: Desnutrir a pedra



A viagem a Andara não tem fim

IconoÍndice

por um Retorno à Fonte das Palavras,
ei-los,
os Ícones aqui se dando à Iconescritura:

O Nutridor de Serpentes:
Contaminações do Autor sobre Imagem arcaica

As Pedras de Ser:
de Calanish andaram até Andara,
as Caladas

As Pedras de Não-ser.
Por aí,
jogadas

e onde a aVe
que voou do Livro?

A voz que fala sob as Imagens é de Plotino: Enéadas,
às vezes contaminada pela voz do Autor

e a que no fim semFim tudo vindo dissolver até as sombras,

de Quem?

Isso, o Aquilo, o Sem Nome, O

O que faz a árvore, o que faz o vento, o que faz eu me perguntar essas coisas?

- Lá.

Vê: aquela árvore, lá, se movendo.

Vês, vendo?

Parece coisa de sonho, não é? Aquela árvore longe, no horizonte se movendo.

O que move a árvore?

Para isso a gente tem uma resposta humana na ponta da língua: o vento. Outro Verbo.

Mas, ah, o que sopra o vento?

Para isso, eu não tenho a resposta.

Tu tens?

Ninguém tem, te digo.

É o Isso, o Aquilo, o Sem Nome,

e de onde vindo ninguém sabe, pois só sabemos que ao chegar aqui vai logo se escondendo de nós sob muitas formas, as Várias: aves, estrelas, insetos, peixes, e de vento vento

Pois se até sob a forma humana se esconde, em nós.

E se aquela árvore, lá, parar de se mover?

Para onde terá ido?

Diz-se disso: o vento sopra em toda parte, o vento: o Vento.

Da minha boca, agora mesmo ele está soprando para ti sob a forma destas palavras, onde também está e se mantém, escondido.

Abro a boca, sopro um pensamento, e eis: ele aparece, mas desaparecido, pois só percebes as palavras.

Ouve, assim, com a tua mão roçando a minha boca.

É a voz do vento das palavras.

Sentes?

Ah, olha: agora a árvore parou de se mover.

Vês? Não-vendo;

Ele terá ido embora dela, ou se mantém lá, nela, até a próxima brisa, ventania, sopra disso que nos sopra? Escondido;

São muitas as perguntas que nos fazemos só de olhar as coisas, não é?

Então, essa que eu me faço agora: esse vento que sopra pela minha boca sob a forma das palavras com que estou te perguntando isto: ele é o mesmo vento que, antes, soprava lá aquela Árvore, longe, no horizonte, e agora veio soprar em mim, através de Mim?

Pudesse, pois se Isso sopra os ventos um só, se dispersando em vários istos, vários ventos, peixes, homens

Ou será que depois que deixa de ser o Isso ele é, em cada isto, um Isto que não se compara a nenhum outro?

Então, são muitas as perguntas que fazemos a elas, sós, olhando as coisas

As Coisas.

Elas, de Lá, nos olhando.

Aqui.

E aqui: um tU e um eU. Peixes homens

Ah, somos mesmo dois homens conversando, ou só um? O Mesmo.

O Um;